Mediadores Culturais Indígenas
Aproximações com Ensino em Artes na Ação Educativa do Projeto Séculos Indígenas no Brasil[1]

Diana Kolker[2]

Resumo: A pesquisa apresentada visa articular o estudo de caso sobre a experiência de concepção e efetivação da Ação Educativa do Projeto Séculos Indígenas no Brasil, com as contribuições das práticas educativas realizadas em exposições de artes. Trata-se, especialmente, do trabalho realizado pela equipe de mediadores culturais, neste caso, composta majoritariamente por jovens indígenas oriundos de diferentes povos do Brasil. A relevância da pesquisa reside na afirmação de ações que viabilizem a consolidação do protagonismo dos povos indígenas na produção e difusão dos discursos sobre os mesmos, bem como na potência educativa que reside nas ações de parceria entre escola e programas educativos realizados fora do âmbito escolar.

Palavras-chave: *mediação; ensino em artes; povos indígenas.*

Gostaria de falar-lhes sobre uma experiência singular com o que convencionou-se chamar de ensino em arte. Porém o termo acaba por reduzir a potência política, artística e educativa efetuada através da Ação Educativa do Projeto Séculos Indígenas no Brasil. Tratou-se de um acontecimento, um evento com a potência de transformar subjetividades.

A qualidade do acervo produzido pelo projeto Séculos Indígenas no Brasil ao longo de 20 anos e seu grande potencial pedagógico motivou a criação de uma ação educativa, que teve início em 2008, com a constituição da equipe de coordenação. Neste mesmo ano, a Lei nº. 11645/2008 determinou à inclusão das temáticas indígenas nos currículos escolares, tornando mais urgente a necessidade de suprir a carência de formação e informação da comunidade escolar a respeito deste amplo e heterogêneo universo. Dessa forma, a Ação Educativa da Exposição Séculos Indígenas no Brasil, se configurou como um dos eixos centrais das suas últimas edições, realizadas no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília- DF, em agosto de 2011, e na Caixa Cultural do Rio de Janeiro- RJ, em junho de 2012.

---

[1] Artigo oriundo de pesquisa em andamento, realizada no Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

[2] Historiadora, pós-graduanda em Pedagogia da Arte (UFRGS), co-coordenadora da Ação Educativa do Projeto Séculos Indígenas no Brasil, professora de história na Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre, integrante e fundadora do Coletivo E de Educadores.

Um dos principais objetivos da Ação Educativa Séculos Indígenas no Brasil foi oportunizar um olhar crítico e sensível sobre as histórias e culturas dos povos indígenas, quebrando estigmas plasmados na sociedade brasileira desde a colonização e que são conservados e difundidos até o presente. Buscou-se romper com a tradição colonialista que aplainou as diferenças e singularidades desses milhares de povos que foram homogeneizados sob o nome índio. Buscou-se afirmar a presença dos povos indígenas na contemporaneidade, a fim de dissolver a imagem estereotipada e defasada historicamente. E principalmente, favorecer o protagonismo indígena na produção dos discursos e imagens difundidos sobre os mesmos.

Para tanto, dentre as realizações das duas últimas edições da exposição Séculos Indígenas no Brasil foram promovidas as seguintes atividades envolvendo professores, estudantes, não indígenas e indígenas: Fórum de Atualização de Professores; Curso de Formação de Mediadores, que constituiu uma equipe de educadores para a realização das visitas à exposição; Visitas Mediadas, realizadas com o público escolar na exposição; e publicação do Material Didático Séculos Indígenas no Brasil, contendo o jogo *Cobra/Rio* e o caderno de texto *As muitas faces de nós indígenas,* organizado por Luciano Laner, Diana Kolker, Roger Kichalowsky e Karina Finger, com a contribuição dos mediadores indígenas que integram a equipe.

O curso de formação de mediadores

A equipe de coordenação da Ação Educativa, composta por Luciano Laner, Diana Kolker, Roger Kichalowsky e Karina Finger, possuía uma trajetória de atuação em programas educativos de instituições de artes em Porto Alegre. Assim sendo, muitas estratégias e abordagens de ensino realizadas nestes espaços foram constituintes da Ação Educativa. A começar pela formação de uma equipe de mediadores culturais.

A figura do mediador tem se tornado cada vez mais comum em exposições de arte. Apesar das práticas de ensino em arte não constituírem um corpo homogêneo, cada vez mais, os mediadores tem se distanciado do papel informativo, para favorecer a percepção, estimular a curiosidade e criar uma atmosfera propícia para o pensamento, o debate e construção de conhecimento compartilhado. Ou seja, ao invés de oferecer uma explicação, esclarecendo o público sobre os supostos

significados que deveria acessar ou atribuir ao objeto em questão, espera-se criar condições para o pensamento.

Rompendo com o modelo pautado pela representação, decidiu-se que a equipe de mediadores deveria ser constituída majoritariamente por indígenas. Ao longo da história do Brasil percebe-se claramente a ausência da palavra dos indígenas no que concerne aos parcos capítulos a eles dedicados. Configura-se o que Michel Foucault (2009, p.9) denomina como procedimento de interdição: "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstancia, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa." Não só interditada, a palavra do indígena foi excluída na ordem do discurso, sendo comum a presença de um não indígena para representa-los. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2008) quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. Desta forma, seria constituído coletivamente um espaço para a produção da imagem do indígena pelo próprio indígena.

Por intermédio de Seeribhi Lula Apolo Prado Sampaio, indígena do povo Tukano, estudante universitário da UnB e filho de Álvaro Tukano, formou-se uma equipe com cerca de vinte jovens estudantes de Brasília, composto em sua maioria por indígenas, oriundos de mais de 10 povos diferentes. São eles Aisanain Páltu, Kamaiwra; Ângela Vieira de Souza, Apurinã; Cleidson Meireles Sampaio, Luvan Prado Sampaio, Shirlene Prado Sampaio, Felipe Semani e Sarai Semani, do povo Tukano; Dalvanice dos Santos, Atikum; Gleucemir Nicasio Rodrigues, Macuxi-Wapixana; Kariny Ribeiro, Debora Barros, Tania Pereira e Leandro Benedito, Tupinikin; Ro'otsitsina Juruna, Xavante; Tiago Kirixi, Munduruku; Wanderleia Melgueiro de Souza, Baré e Zelandes, Patamona. Dentre os mediadores não indígenas contamos com Cristiane Lopes e Juliana dos Santos, estudantes do ensino médio. Contamos ainda, durante o curso de formação, com a preciosa participação de Jaborandy Tupinambá, da Bahia, membro da ONG Thydêwá.

Esses jovens participaram do curso de formação de mediadores, de 2010 a 2011, ministrado pela equipe de coordenação da Ação Educativa. O curso se constituiu como um laboratório, onde todas as aulas se davam através da experimentação. As atividades foram realizadas em duas exposições no Memorial dos Povos Indígenas (uma delas a própria exposição Séculos Indígenas no período de montagem) e duas exposições no Museu Nacional Lucio Costa, onde além do

laboratório eles participaram de uma mediação conduzida pela coordenadora do educativo da referida instituição. O laboratório envolvia exercícios de estímulo à percepção, leitura de imagens, experiência com o objeto, com a exposição como um todo, com o espaço e com as diferentes significações, memórias e discursos criados pelos participantes a partir dessas relações.

Visitas mediadas

As visitas mediadas realizadas pela Ação Educativa Séculos Indígenas no Brasil se configuram como uma proposição pedagógica, realizada em um ambiente convidativo à participação, motivando o exercício do pensamento acerca dos temas disparados pela exposição. As mediações desenvolvem-se na experiência com os artefatos, indumentárias, fotografias, vídeos e espaço expositivo, cujo envolvimento sensorial produzido pela variedade de texturas, cores, cheiros, sons, iluminação,é fortíssimo. Todavia, para além de suas formas e da inegável dimensão estética, os objetos expostos trazem consigo densas camadas de história, memória, cosmovisões, relações sociais. O patrimônio material apresentado pela exposição é uma porta de acesso para o contato com o amplo e heterogêneo universo dos povos indígenas. Todavia, esta passagem não se completaria plenamente sem a presença dos mediadores indígenas. Na interlocução direta entre indígenas e não indígenas abriu-se a possibilidade para a revisão crítica das imagens e discursos historicamente construídos sem a participação dos seus protagonistas.

Acompanhando mediações, analisando os registros deixados por visitantes e os depoimentos compartilhados pelos mediadores ao longo e ao término da exposição realizada em Brasília, penso que as mediações se configuraram como um acontecimento. Conforme Maurizzio Lazzarato (2006, p12) “o acontecimento nos faz ver aquilo que uma época tem de intolerável, mas também faz emergir novas possibilidades de vida.”

A mediação/acontecimento se efetua pela problematização, põe em conflito os discursos constituídos, dissolve generalizações, desmancha a *doxa*, configura-se como a criação do novo, possibilita uma transfiguração em nossas subjetividades. Nas palavras de Rafael Silveira (2011, p.94): “Nestes ambientes atravessados pela arte e pela educação, nos tornamos música com nossos corpos vibrando e fazendo

vibrar outros corpos. Alteramos ritmos de outros corpos e por ritmos de outros corpos somos alterados."

Nos relatos de crianças e adolescentes, atestamos a surpresa diante da descoberta de que os indígenas não são canibais, ou da distância entre o que eles conheceram na exposição e o que a televisão costuma mostrar. Um momento ocorrido durante a exposição no Memorial dos Povos Indígenas marcou-me especialmente. Na entrada da exposição um grupo com cerca de 30 crianças do ensino fundamental de uma escola católica de Brasília, dirigiu uma série de perguntas ao mediador Páltu Kamaiwra. Uma das crianças o questionou se ele ainda seria índio, já que usava roupas como as dele e falava português. Páltu primeiramente perguntou se ele o compreenderia se falasse em Kamaiwrá. Diante da negativa do menino, Páltu esclareceu que não deixaria de ser Kamaiwrá por habitar a cidade, se comunicar na língua local e se vestir conforme os costumes do lugar. Da mesma maneira que o menino não deixaria de ser brasileiro se passasse a viver em outro país, aprendesse uma nova língua e usasse roupas diferentes das que costuma usar em seu país. Páltu respondeu ao questionamento da criança, que manifestou um discurso comumente difundido pelos meios de comunicação, através de uma aproximação com seu cotidiano e da problematização da própria questão colocada.

Na mediação os sujeitos envolvidos são ativos na construção da interpretação e leitura dos assuntos em questão. Através dos comentários e questionamentos do grupo, das respostas às questões lançadas pelo mediador, das relações com o cotidiano, possibilita-se que a bagagem pessoal dos participantes torne-se constitutiva da mediação. As interpretações individuais podem contribuir mutuamente para a ampliação da percepção do grupo como um todo. Nesse sentido, um dos papeis do mediador, é possibilitar que o grupo crie suas leituras e interpretações, agregando novas informações, contextualizando, relacionando as falas dos envolvidos, aprofundando ou problematizando as questões colocadas, ou mesmo, criando desvios, que permitam o alargamento dos conhecimentos de cada sujeito. Assim sendo, respeitar a bagagem subjetiva de cada um e partir de seus conhecimentos prévios, não significa permanecer imóvel neles. Se assim fosse, condicionaríamos os nossos estudantes a permanecerem no mesmo lugar.

O percurso traçado durante a mediação não é um percurso iniciado ou acabado. É parte de uma rede que se conecta as experiências anteriores à visita da turma, que são ativadas no percurso, e que – espera-se- se ligarão às futuras experiências, criando marcas, para além daquele momento específico, marcas que cada estudante possa levar para sua vida.

Referências

BRASÍLIA, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.* Brasília : MEC; SECAD, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.* RJ: Editora Vozes, 2008.

SILVEIRA, Rafael. Em curso: Um lugar onde linhas vibram. In: HELGUERA, Pablo & HOFF, Mônica. *Pedagogia no campo expandido.* Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p. 89-95.